



INSTITUTO DE HUMANIDADES
CURSO DE BACHARELADO EM ANTROPOLOGIA

NIRAIDE DA SILVA DIAS

OS USOS E SENTIDOS DO BAOBÁ NA ÁFRICA E NO BRASIL

ACARAPE
2024
NIRAIDE DA SILVA DIAS

OS USOS E SENTIDOS DO BAOBÁ NA ÁFRICA E NO BRASIL

Projeto de pesquisa apresentado como requisito para aprovação na disciplina de Trabalho de Conclusão I no Curso de Bacharelado em Antropologia da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-brasileira.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Vera Rodrigues

AGRADECIMENTOS

Começo, primeiramente, agradecendo a Deus e aos meus ancestrais pelo que sempre fizeram por mim e continuam fazendo, aos meus pais por me tornarem uma mulher de fé (Amélia e Manuel), por me educarem para ser respeitosa e persistente na busca pelo melhor.

Agradeço a professora e orientadora Vera Rodrigues juntamente com a professora Valquíria Tenório, por serem meus suportes nesse trabalho de conclusão do curso da Antropologia, além de me ajudarem bastante no meu crescimento acadêmico, professora Vera obrigada pela disponibilidade do meu tempo e encontros de orientações, pela sua paciência, compreensão e vontade de me ensinar, de trabalhar comigo.

Sem esquecer meu cota Alison que me ajudou bastante de tirando dúvidas da minha etnia Mancanhi e ao meu primo Aparicio que desde que ingressei na UNILAB sempre me deu suporte e forças para não desistir, foi graças a ele que consegui estudar no Brasil, por último agradeço, a Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-brasileira (UNILAB), aos professores por me fazerem ver o mundo do outro ângulo e ter mais visão sobre o mundo e também valorizar o que é o meu continente (África).

MEMORIAL

Eu Niraide da Silva Dias, sou guineense da etnia Pepel e Mancanhi (Brames), filha da Maria Amélia da Silva, da etnia Pepel, e do Manuel Félix Dias, da etnia Mancanhi (Brames), tenho 2 irmãs e 1 irmão, na família sou a filha caçula, fui criada pelos meus pais até aos 12 anos de idade, e depois, a minha irmã mais velha, Daiana, se casou e fui morar com ela e o marido no bairro de Aeroporto, num bairro que a maioria da população residente eram os Mancanhi.

Foi ali que comecei a me interagir com as pessoas da minha etnia conhecendo um pouco sobre a história e cultura do povo Mancanhi, na época, quando eu cheguei nesse bairro me via como uma menina de cidade (menina de praça), e como sendo a menina da cidade que estudou em umas das melhores escola da capital por isso, eu não podia me juntar com as meninas que nem sempre falavam Crioulo, que na verdade elas preferiam falar a língua Mancanhi, e eu, na pura inocência, não sabia que elas falavam que não iam brincar comigo porque sou da cidade e elas não, afastaram-se de mim porque achavam que as nossas vivencias eram diferente.

Numa, manha, eu fui pegar água no poço perto da minha casa, porque na Guiné-Bissau, num bairro, quando uma casa tem uma lagoa ou um poço que dava para pegar água com cabaz, as pessoas usam essa água para beber, dizem que é mais gostoso do que da torneira. No momento eu estava na fila esperando a minha vez de pegar a água e as outras meninas estavam falando de mim e eu nem sabia, porque não sei falar a minha língua paterna (língua da etnia Brames), uma menina se aproximou de mim e me perguntou, como é seu nome? Falei para ela que me chamava Nila, e perguntei o nome dela e ela me falou Cátia, e depois na sequência me disse, você mora perto da minha casa, te vejo toda hora, ela me disse "quando terminares de fazer tarefa de casa me chama que a gente vai brincar" no momento eu fiquei muito animada porque antes nenhuma menina queria ficar perto de mim até aparecer ela, e eu estava também cansada de ver televisão com meu primo Aparício, estava sentindo falta de brincar com as meninas como antes eu fazia quando eu estava na casa da minha mãe.

Naquele dia, fiz o trabalho rápido e expliquei para minha irmã que eu ia brincar com uma amiga que fiz quando estava pegando água no poço, minha irmã ficou contente e me deixou ir, falou para eu não ficar até tarde, fui brincar com ela e depois da brincadeira, fomos passear ela me mostrou o bairro inteiro, principalmente a sua casa e depois despedimos e cada um foi para sua casa. Pois onde eu morava com os meus pais tinha muitas amigas e também brincava com a minha outra irmã que não temos muita diferença de idade, a Jéssica.

No outro dia, fiz as tarefas de casa bem rápido para ir à casa da minha nova amiga, mas foi ela quem veio me buscar e me falou para irmos a horta regar as coisas que ela tinha semeado, fui com ela e lá estavam outras meninas que não queriam a minha amizade como sou a garota

da cidade, eu estava ajudando a minha amiga a regar quando uma se aproximou e falou comigo eu respondi toda educada para ela e ela foi contar nas suas amigas que essas vieram falar comigo eu me diverti bastante na mata naquele dia com elas, eu estava rodeada de pessoas que falavam a língua Mancanhi e comecei a aprender a viver e a falar a língua que era muito difícil porque eu só falava Crioulo e um pouco de português que é obrigatório nas escolas.

A partir daquele dia, eu praticava tudo que elas faziam e era muito bom aprender com elas, e eu ficava aguardando ansiosamente a época de plantação para ir com elas semear e regar alface, milho, pepinos e outros legumes, que em Guiné-Bissau é das práticas da horticultura Mancanhi, para nós, em Bissau, cada etnia tem as suas práticas, os Pepeis são considerados os que mais semeiam tomates, quiabo (candja), jiló (djagatú), malagueta, e as plantações de arroz, para os Mancanhias suas especialidades são alface, pepinos, repolhos, berinjela, milho etc.

Na casa da minha irmã, passamos a viver com os costumes de Mancanhi, mas só que a minha irmã é Pepel porque é minha irmã de lado da mãe, somos de pais diferentes, ela aprendeu a cozinhar uma comida típica de Brames do nome (badadji) que é feito com amendoim ralado, arroz, tomate e vários ingredientes da Guiné-Bissau, é uma comida muito gostosa e também já pegamos o hábito de comer sempre acompanhado de pepinos e alface já que tínhamos contato direto com a minha etnia Mancanhi, passei a trazer para casa o que semeava e regava com as minhas amigas e fazia questão de levar para os meus pais, me sentindo satisfeita vivenciando práticas e costumes de uma das minhas etnias, e também por ser já bem jovem e levando comida para casa, meu trabalho rendendo o que eu mesma cultivava, fruto da minha lavoura, e a minha mãe falava vou te perder você agora é Mancanhi de verdade já sabes cultivar nas horta eu me sentia feliz com as palavras que ela falava, me elogiando.

Essa trajetória da minha juventude foi muito bom para mim, porque foi o jeito que acabei conhecendo e de ter contato e saborear as comidas típicas da minha etnia, ter mais contato com o meu povo, a língua que não tive oportunidade de saber falar mas nessa trajetória acabei por conseguir entender certas palavras, as vestimentas que hoje quando vejo uma pessoa vestir, já vou saber que é da minha etnia, os traços físicos também de uma mulher Mancanhi, modos de agir em muitos lugares, os festivais danças e as músicas, isso foi muito importante, porque aprendi bastante sobre um povo, meu povo que sempre tive essa curiosidade de conhecer as histórias, as tradições, rituais dessa linda etnia me ajudou a compreender as raízes e também os marcos importantes da nossa cultura. Sempre quis viver e aprender mais sobre a minha cultura, sobre a qual hoje estou lendo e escrevendo sobre a minha cultura.

LISTA DE PALAVRAS

Namaka:

ka-tasa:

kasump:

Badian:

P-moi Kansuntun:

P-mer P-time:

SUMÁRIO

1	DADOS DE IDENTIFICAÇÃO DO PROJETO	8
2	TEMA.....	8
3	DELIMITAÇÃO DO TEMA	8
4	FORMULAÇÃO DO PROBLEMA	8
5	JUSTIFICATIVA.....	10
6	OBJETIVOS.....	13
6.1	Objetivo Geral	13
6.2	Objetivos Específicos	13
7	EMBASAMENTO TEÓRICO	13
7.1	Racismo e preconceito das tradições africanas no brasil	14
7.2	Como o Baobá é usado nos rituais em Guine Bissau na etnia Brames	16
7.3	O uso e a representação de baobá entre África e Brasil.....	18
8	METODOLOGIA	20
9	CRONOGRAMA	25
	REFERÊNCIAS	26

1 DADOS DE IDENTIFICAÇÃO DO PROJETO

Niraide da Silva Dias

Orientadora: Prof.^a. Dr.^a Vera Rodrigues

Essa pesquisa esta inserida no campo Antropológico

2 TEMA

Os usos e sentidos do Baobá na África e no Brasil

3 DELIMITAÇÃO DO TEMA

Como se dá essa significação da árvore de baobá que é da origem africana, nessa estrutura da identidade do povo afro-brasileiro.

4 FORMULAÇÃO DO PROBLEMA

A temática sobre o baobá vem me chamando a atenção desde que eu fiz a disciplina (Antropologia das populações afro-brasileiras), com a professora Vera Rodrigues, logo pensei porque não escrever sobre baobá e me aprofundar mais para saber não só de como é bom para alimentação mas também me aprofundar para tentar descobrir o simbolismo de baobá para o povo africano e também para os afrodescendentes no Brasil, e tentar descobrir como o baobá veio de África até o Brasil, eu nunca tinha imaginado ou pensado algo do baobá, em questão do seu significado, o que representa o baobá para os africanos e afro-brasileiros. Eu africana, guineense da etnia Brame, o baobá para mim era apenas comida que eu gosto tanto porque mesmo eu estando no Brasil ainda procuro pessoas que estão vindo para o Brasil, para pedir a encomenda da farinha da folha de baobá e sua fruta para poder degustar e lembrar velhos tempos em Bissau, aquelas saudades que fica da nossa comida, nunca pensei baobá em outra vertente outro nem sabia que existia uma árvore aqui em Fortaleza ou no Brasil, depois que fiz a disciplina com a professora Vera, e ela pediu um pré-projeto logo me surgiu esse interesse em saber mais sobre o baobá mais em contexto africano (Guiné-Bissau), o simbolismo que essa árvore carrega, porque me veio a memória de muitos lugares (cerimônias) que já fui e a comida

feita sempre é usado a fruta de baobá, e também como é posto nas arvores de baobá os pratos de barro e também com lenços vermelhos, a comida feitas em casamentos que e colocado na bacia ou cabaço, como já situei lá de cima o casamento da etnia Mandjako que fazem essa comida cubamba, hoje em dia toda a etnia faz essa comida no casamento, a noiva é colocada 3 dias dentro de casa e usam azeite de dendê todos esses dias, no quarto dia ela vai ser lavada e vestida com panos de pentes bem grande e caro e é banhada em joias de ouro para mostrar o seu valor e vão fazer a comida cubamba para os noivos comerem durante a cerimônia cronometram minutos para ver entre o casal quem consegue pegar a comida primeiro, pois assim o primeiro que conseguir é considerado mais corajoso/a do relacionamento, depois que comerem essa comida feita com baobá, todo mundo leva pratos para servirem e levar para casa.

Não encontrar escritos suficientes dos africanos e dos afrodescendentes sobre a arvore de baobá me deixou ainda mais inquieta, por isso eu quis estudar e aprofundar mais ainda no estudo de baobá, meu objetivo é levar nossa tradição e simbolismo africana para o mundo saber sobre a origem da arvore baobá, muitos nem sabem da existência ou do que significa para a cultura africana, hoje, com a expansão do mercado, o baobá está sendo exportado muito porque o povo africano existe em todo o mundo, muitos nem conhecem o nome mas com a vivência com os africanos acabam sabendo o nome, a ideia é dar mais valor às nossas tradições e costumes, tentar preservá-los aprofundar mais sobre o significado e valor do baobá para o povo negro.

No ritual de tocachur quando uma pessoa morre a comida é feita para colocar na cabeceira de cama leva também o baobá, e quando, dependendo de quando a família vai fazer o ritual, se vai passar muito tempo sem toca choro ou não, a comida que é posta na cabeceira de cama também leva baobá, a pessoa fala muitas palavras e depois coloca a comida na cabeceira de cama para o espirito do finado coma no seu plano espiritual e depois coloca vinho de palmo, ou vinho tinto ou então cachaça para que ele possa comer e beber no mundo espiritual.

5 JUSTIFICATIVA

A lenda dizia que havia dois reis inimigos, um fula e uma mandinga, da mulher do rei fula nasceu Braihama e do rei mandinga nasceu Mbula, com o tempo o jovem Braihama apaixonou-se pela jovem Mbula, como seus pais eram inimigos eles sabiam que nunca aceitariam essa união, por isso para poderem se casar fugiram juntos. Depois de longa caminhada chegaram a uma região fértil longe dos pais e consciente de estar em segurança passaram a viver ali, esse lugar hoje se chama bula e dessa união nasceu Emancanhi o nome foi considerado muito destinto pelos Brames.

A palavra brame derivaria do nome próprio Braihama filho de um rei fula, o nome Mancanhi derivaria do nome Emancanhi o primeiro filho da união de Briahama e Mbula princesa Mandinga que deu o seu nome a Bula, entre eles, os Mancanhi designam-se segundo as religiões de que são originários, eles são Bahula quando são de Bula, Bau quando são de Có.

A prática de iniciação do povo Mancanhi (ka-tasa), se faz após a circuncisão (Kasump), essa iniciação é considerado um renascimento, a pessoa passa a ser uma pessoa nova na comunidade o iniciado ingressa numa nova rede de relações sob o signo dos seres sagrados os jovens são oficialmente incorporado na comunidade como saída dos ancestrais adquirem a maioria social e religiosa na comunidade pois são considerados adultos, pois sem esse Ka-tasa, um Mancanhi não pode casar legalmente e quando morre não pode ser sepultado no grande cemitério, essa cerimônia que tem um dia fixo, ao fim da tarde, o rei de ka-tasa é o primeiro a entrar no lugar sagrado acompanhado do mais idosos (badian), no dia seguinte entram os outros em função do seu lugar de procedência de madrugada os jovens que vão ser iniciados vão para as casas dos seus parentes maternos onde é sacrificado uma galinha para comerem como uma refeição familiar que significa o enterro umbigo (p-moi kansuntun) ,isto é, a sua restrição á mãe já no dia seguinte a entrada em retiro do rei os jovens vão a casa do seu pai ou tutor, entram numa palhota onde lhes são servidos de joelhos uma ligeira refeição sagrada a base de milho ou de arroz regada com óleo de palma ou de leite (p-mer p-time), depois que saiam dessa cerimônia, as mulheres dependendo de quantas mulheres cada homem tem, elas precisam cozinhar 50 quilos de arroz cada mulher usando azeite de dendê com leite de vaca (iogurte natural), e fruta de Baobá, essa é a comida que o homem come quando sai da cerimônia de circuncisão feita pelas suas esposas.

Nas cerimônias fúnebres dos Mancanhi, acontece como se a sociedade quer mostrar de que o desaparecimento físico da pessoa não muda a sua identidade, pois ele renasce dos mortos no além é celebrado muna comunhão profunda, porque as ligações com os ancestrais são

realmente vividos, por isso que as celebrações dos funerais é um dever sagrado para todos os Mancanhi, quando um homem morre a mulher mesmo sendo separada do homem, precisa cozinhar a comida para o morto, a dona de casa precisa procurar um grande recipiente de barro onde será servido o arroz com iogurte natural, azeite de dendê fruta de baobá, e também tem que arrumar dez litros de aguardente destinados aos homens, essa cerimônia acontece no mês de maio e junho e é realizada cada seis dias de maneira giratório, arroz é consumido pelas mulheres, seis dias após Ka-tasa , aquele recipiente no qual foi colocado o arroz e servido é confiado a namaka que o leva ao cemitério com uma cabaça e água acompanhado pelas esposas do falecido e também pelos membros da família, no cemitério, em cima do túmulo é derramado a água da cabaça virando ao contrário, em seguida, é derramado o arroz cozido e todos regressam para casa.

Na África o baobá é considerado a árvore da vida e é um dos símbolo da cultura africana, porque para os africanos, como o baobá é grande então passa a impressão de serem testemunhos dos tempos imemoriais e é considerado guardiães, também tem vários significados como no caso de que suas raízes representam os ancestrais e as memórias de uma comunidade, os troncos representam as crianças e jovens que estão na fase de crescimento, como o baobá é sagrado, muitas vezes as pessoas não conseguem observá-la quando está desabrochando porque ela desabrocha em pouco período de tempo, para os africanos (Guiné-Bissau), quando um morto é sepultado dentro de um baobá sua alma viverá enquanto esse baobá resistir, as folhas e as raízes de baobá são considera medicinas, pois curam muitas doenças, a folha também é transformada em uma farinha e é comida típica da Guiné-Bissau, a madeira de baobá é usada muitas vezes para fazer a canoa por sua madeira ser mais resistente á água.

Na Guiné-Bissau o baobá é usado frequentemente em várias ocasiões, quando uma pessoa vai a um vidente (djambakus), muitas vezes é recomendado pelo próprio vidente que faça uma comida que vai levar a fruta de baobá e oferecer para as pessoas porque ele simboliza a conexão entre o mundo sobrenatural e material, entre os vivos e os mortos, quando uma criança nasce também é recomendado fazer arroz mole (badadji) para a criança comer de vez em quando porque tem muitos nutrientes e é rico em vitaminas e mineras, e ajuda na boa alimentação e crescimento da criança, não é só os Mancanhi que gostam de usar a fruta de baobá nas cerimônias e rituais, mas também outras etnias usam bastante, o baobá é uma fruta muito consumida em Guiné-Bissau por seu sabor e seus benefícios.

Nos tempos mais antigos tinha a árvore do baobá por todo canto de Guiné-Bissau até nas cidades, mas com o tempo estão se perdendo por causa das construções de casa e outros edifício, agora se encontra pouca arvore de baobá na cidade de Bissau e também em poucos

bairros vais encontrar, porque tem pessoas que falam que como a raiz de baobá se alarga se não for derrubado para fazer uma casa junto dele no decorrer do tempo a casa estaria em risco porque as raízes podem acabar derrubando a casa e um dos motivos pelo qual hoje é difícil encontrar a árvore de baobá na capital, já no interior existe vários mas também essa colaboração que os governos da Guiné-Bissau têm com a china acabaram por destruir muitas matas onde se encontra árvores de baobá para fazer as madeiras e exportarem para a china e mais países, a árvore é cortada e não plantada de novo, sabemos que como os baobás são grande também tem a capacidade de proteger muitas casa dos ventos forte e chuva principalmente no interior onde tem poucas casa.

O Baobá é muito importante para nós os africanos, nascemos, crescemos ouvindo os contos, as lendas, os sabores de suas frutas e das suas folhas, mas também ouvimos as lendas de como os europeus achavam sobre a árvore de baobá, tem uma lenda que meu avô contava para nós sobre como os europeus sentiam bem quando vão derrubar a árvore de baobá, pois eles acham que o baobá ocupa muito espaço e grande e pode perfurar a planeta com suas raízes e infectando o solo, porque essa planeta é pequena e os baobás além de grande ainda são muitos e que também eles são árvore demoníacos porque sempre nos pés de baobá existe uma grande entrada no tronco da árvore, para os branco, existia lá um espirito demoníaco (irã), e por isso que os africanos adoram e chamam o baobá de sagrado e também da árvore da vida, por isso que quando estavam escravizando os africanos, os europeus deixavam os africanos darem a volta na árvore para romperem os laços e perderem as suas identidades, seus costumes e práticas, para seguirem um novo rumo num mundo novo.

Na Guiné-Bissau os muçulmanos usam o baobá para olharem a lua porque falam que o baobá como é muito alto mostra melhor a fase crescente da lua, porque depois de jejuarem 30 dias, logo em seguida têm que olhar se a lua saiu para poderem fazer aquela festa, onde falam que o profeta Muhammad recebeu a revelação da palavra de Allan, a etnia Balanta são os que mais tiram e vendem as frutas de baobá, na minha infância o baobá era bem baratinho, comprávamos litro por 100cfa (moeda/dinheiro da Guiné-Bissau), que é 83 centavos brasileiro, porque o pagamento de imposto não era caro então comprávamos bem barato, mas com o passar do tempo e a exportação de madeira, ficou mais caro para comprar o fruto de baobá e já os balantas não aceitam muitas vezes fazer esse negócio porque tem pouco lucro, toda semana tem lumo (feirão), eles iam porque são eles que mais fazem esse negócio de comprar num feirão do interior e trazerem para idade para vender e as pessoas que fazem sorvete, suco, mouse e até para os que têm a hepatite compram para usar, segundo os curandeiros tradicionais se chupar todos os dias a fruta de baobá você acaba sendo curado porque ele é medicinal, os frutos também

é conhecidos como ricos em vitamina C e outros nutrientes essenciais, usada para fazer suco, bebidas, pratos típicos para rituais como casamento nas outras etnias. a etnia Mandjako a cerimônia de casamento e feita com uma comida tradicional que chamamos de kubamba que é feita com farinha de milho preto e também milho amarelo, azeite de dendê com iogurte natural e farinha de baobá, hoje em dia quase todas as etnias fazem essa comida no casamento, mas segundo a história surgiu da etnia Mandjako, as sementes de baobá contem óleo que pode ser extraído e usados na culinária ou em produtos de cuidado de pele no caso do seu creme e também no cuidado com o cabelo, sua casca tem fibra forte usada tradicionalmente para fabricar remédios tradicionais para variedades de doenças, suas raízes também são usadas para medicamentos tradicionais, remédios e infusões para tratar várias condições de saúde.

O Baobá (cabaceira) é uma árvore da África que tem grande importância, não apenas pela sua aparência, mas também suas diversas utilidades de cada parte, é uma árvore altamente valiosa, com aplicação diversas que vai de alimentação e medicina tradicional até a produção de materiais e produtos de beleza, sua relevância transcende o uso prático, sendo muito pertinente no patrimônio cultural de muitas comunidade e povos.

6 OBJETIVOS

6.1 Objetivo Geral

- Analisar detalhadamente a importância de Baobá para a comunidade africana e afro-brasileira.
-
- **Objetivos Específicos**
 - Compreender os benefícios que o Baobá traz para a África – Brasil;
 - Contribuir para o melhor entendimento da importância de Baobá para a população negra.

7 EMBASAMENTO TEÓRICO

Nessa fase do trabalho, iremos falar dos debates teóricos, através dos diferentes autores que tratam do nosso assunto. Será dividido em três tópicos onde no primeiro falaremos do racismo e preconceito das tradições africanas no Brasil, no segundo abordaremos como o baobá é usado nos rituais em Guiné-Bissau na etnia Brames, no terceiro vamos falar do uso e da representação de baobá entre África e Brasil.

Segundo "(Pritchard, 2004, p. 33), descreve a bruxaria em primeiro lugar, por se tratar de uma base indispensável para a compreensão das demais crenças., quando os Azande consultam os oráculos, sua preocupação maior são os bruxos, quando empregam os adivinhos, fazem-no com o mesmo objetivo, o curandeirismo e as confrarias que o praticam são dirigidos contra o mesmo inimigo", as crenças não entendidas pelos europeus são chamados de bruxaria, um termo pejorativo usadas para demonizar as praticas não conhecidas por eles, porque outras crenças não conhecidas por europeus eram e são vistas como uma ameaça para a religião cristã.

Quando falamos de Ceará, segundo"(Oliveira, 2012, p. 199), falamos de um território de negação da cultura negra e isso nos deixa instigados, pois embora ouvimos os discursos sobre a inexistência da negritude o Ceará percebemos tão forte a presença desta nos"entre-lugares" do viver de gente de cá.

7.1 Racismo e preconceito das tradições africanas no Brasil

Constata-se que, já foram presenciadas cenas em que o racismo e o preconceito foram os protagonistas principais de determinadas ações, agressões que humilham seres humanos, apenas pelo fato de terem cor da pele, raça, religião sexo diferente" (Costa, 2018, p. 8), essa ação vem acontecendo desde sempre, a pessoa da cor diferente da branca, da religião que não seja cristã e que não se aceitam ser do sexo em que nasceu passa a considerado uma aberração já que não corresponde com o padrão que é imposto pelos Europeus, serão sempre chamados de inferior.

"O baobá é símbolo das lutas dos negros no Brasil devido a resistência dos africanos quando foram trazidos aqui para o Brasil, fazendo assim essa referência a história do povo africano, a força e resistência"(Costa, 2018, p. 8), a presença do baobá no solo brasileiro é o símbolo de resistência visto que ele carrega conexões e memórias ancestrais africana, tornando-se símbolo de resiliência, de sobrevivência das suas crenças culturais, por isso os reverenciam como o sagrado porque o baobá testemunha as historias de força e luta dos seus descendentes, representando vínculo espiritual com a África.

Baobá é um lembrete das opressões vividas pelos escravos no Brasil, uma sobrevivência cultural, baobá é vista como o sagrado, representando da conexão entre céu e a terra, entre o presente e o antepassados, aqui no Brasil ele é associado a ancestralidade africana e a luta dos negros pela liberdade, pelo seus direitos e reconhecimento, o autor "(Costa, 2018, p. 18), aborda que "é preciso que conheçamos os valores sociais, aqueles que ligam essa árvore a sociedade

afro, palco de encontros e desencontros, acertos e erros, não é por acaso que o baobá é símbolo da cultura e resistência do povo afro".

"O preconceito contra a população negra, em função de um mito que o nega, torna-se difícil de ser compreendido e combatido. Há mecanismos subliminares de encobertamente permeados por um aparente tratamento cordial, desenvolvendo a crença de que a discriminação étnico-racial não existe" (Ferreira, 2002, p. 70), desde sempre existe e continua existindo essa discriminação sobre a pele negra, mesmo com a modernidade e passar dos tempos, com a luta dos negros combatendo o racismo e o preconceito sobre a cor da pele, mostrando que somos todos iguais a diferença da cor não pode tornar o outro inferior, pode-se dizer que continua presente no nosso dia a dia, o branco continua se achando o superior e isso com certeza nunca vai mudar o negro vai continua sendo como eles nos caracterizam, como os selvagens que não tem capacidade de progredir.

Assim, no Brasil, o preconceito não é abertamente afirmado, dificultando a elaboração de leis que favoreçam sua reversão, a ideologia de que vivemos num país em que as diferenças são aceitas e valorizadas, 'um verdadeiro exemplo para as outras nações', encobre o problema, em função disso, a população negra encontra-se submetida a um processo em que as condições de existência e o exercício de cidadania tornam-se muito mais precários com relação à população considerada branca, em decorrência, a construção de uma identidade positivamente afirmada, requisito necessário para as pessoas se engajarem em políticas efetivas voltadas para a melhoria de suas condições sociais, torna-se um processo dificultado (Ferreira, 2002, p. 71).

É politicamente correto tratar o afrodescendente como 'moreno', palavra fortemente enraizada na cultura brasileira, é um exemplo de uma situação que revela uma estratégia simbólica de fuga de uma realidade em que a discriminação impera, dessa forma, as pessoas procuram elementos de identificação em símbolos do grupo considerado social e economicamente dominante, no caso o brasileiro branco-europeu." (Ferreira, 2002, p. 73), para os brancos usar o termo moreno é para suavizar a cor da pele negra, já que a palavra negro é um termo pejorativo de desvalorizar a pessoa, isso é uma forma de negação da identidade racial da pessoa, uma herança histórica onde falar da raça era estigmatizado.

"Numa sociedade onde há discriminação, como a brasileira, é claro ter a pessoa afrodescendente já se deparado, por diversas vezes, com situações de afronta e indignidade em função de suas características étnico-raciais, sob a forma de agressões físicas ou verbais abertas, ou através de formas mais sutis, como recusas com relação a empregos sob diferentes justificativas é comum o negro ser pessoalmente agredido na escola ou na situação de trabalho, ser rejeitado para uma festa ou ser testemunha da agressão sofrida por um amigo"(Ferreira, 2002, p. 79), é muito comum encontrar esse tipo de situação aqui no Brasil devido ao racismo

estruturado nessa sociedade, mesmo depois da abolição as desigualdades raciais continua bem intenso impactando a vida dos negros, já vimos muitos casos em que o racismo institucional dificulta o cargo as pessoas negras e também de ter a melhor condição de vida.

Os colonizadores europeus demonizaram as crenças e práticas religiosas africanas como bruxaria, onde eles perseguiram, caçavam e matavam as pessoas negras principalmente as mulheres, pelo simples fato e medo do desconhecido, e o racismo transformou qualquer prática da matriz africana em algo associado ao mal.

Desse marco que as práticas religiosas vinculadas aos negros, então classificadas como feitiçaria, magia e curandeirismo, puderam se constituir como religião, a atuação do movimento afro-religioso foi fundamental no processo de legitimação dessas práticas, um viés adotado nos anos 1930 associava as religiões afro-brasileiras, principalmente o candomblé, a uma dada ideia de cultura (Giumbelli 2008). Entre o fim dos anos 1970 e início dos anos 1980, essa associação acabou resvalando para o que sacerdotisas vinculadas a terreiros considerados matriciais do candomblé baiano chamaram de folclorização do candomblé, e manifestando-se contra essa folclorização, elas afirmaram o candomblé como religião, com cosmologia e liturgia próprias e fundamentada em uma herança africana. Fato é que, apesar disso, a associação entre religiões afro-brasileiras e cultura continuou sendo acionada pelos afro-religiosos no processo continuado de legitimação de suas práticas, como evidenciado na patrimonialização de elementos constitutivos das religiões afro-brasileiras (Morais 2015, 2018). Nessa busca por legitimação, o termo “cultura” é acompanhado de um adjetivo que lhe confere uma marca racial: “negra”. Quando juntos, “cultura negra”, soma-se uma característica: “tradicional”, remetendo a algo que perdura, que advém de um tempo passado e aporta no presente trazendo consigo o rastro de uma herança ancestral que tem a África”(Morais, 2021, p.53).

Dentre essas expressões, religiões afro-brasileiras, religiões de matriz/matriz africanas, povos e/ou comunidades de terreiro, ao marcarem presença no debate racial, os afro-religiosos se organizaram, como dito, em uma outra frente para se defenderem dos ataques advindos de grupos evangélicos, ataques esses classificados, nesse contexto, como “racismo religioso”, essa forma de classificar tais ataques, antes enquadrados como atos de intolerância religiosa, também foi elaborada por parte dos integrantes do movimento afro-religioso e se fez ecoar na execução da referida política pública" (Morais, 2021, p.54), a intolerância religiosa Às vezes vem com o medo do desconhecido, gerando invasão nas comunidades da matriz africana destruindo tudo que é sagrado para a população negra, o preconceito das crenças da matriz africana por longo do tempo sendo demonizado a população acaba sofrendo com violência física e até verbal.

7.2 Como o Baobá é usado nos rituais em Guine Bissau na etnia Brames

De acordo com "(Rodolpho 2004, p. 139), os rituais concedem autoridade e legitimidade quando estrutura e organizam as posições de certas pessoas, os valores morais e as visões de mundo”, de forma que os rituais são uma realização dos acontecimentos que incluem os sujeitos

no meio de um universo de controle social, mantendo ordens numa sociedade entendendo seus valores.

Segundo (Van Gennep 2011), a trajetória dos sujeitos está em constante passagem de uma posição social para outra, de modo que, a opinião dos ritos é constituída pela decisão coletiva, dotadas de um tempo e de um espaço, é determinado pelas necessidades dos indivíduos, de transformar o mundo e a si mesmo com a finalidade de viver em sociedade. Pois os ritos podem ser simpáticos e de contágio, diretos e indiretos, positivas e negativas, além disso, continua Van Gennep, os ritos de passagem podem ser decompostos em ritos de separação (preliminares) do mundo anterior, de margem (liminares) e de agregação (pós-liminares) ao novo mundo. Isso quer dizer que o sujeito ao sair do mundo anterior para o novo mundo tem que passar primeiro pelos ritos de zonas como ritos de margens, a fim de si poder agregar ao novo mundo.

E através disso se apresenta a possibilidade da realização de ritos de entrada e de saída, estas fases são identificadas em diferentes grupos sociais, mas o importante é verificar todas as fases o antes e o depois, de modo que todas são referentes umas às outras" (Van Gennep, 2011), os rituais muitas das vezes pode ser um instrumento que ajuda na compreensão de um grupo social e as suas crenças.

A morte é um fenômeno que acontece ou se verifica em toda sociedade e a forma como é entendida e interpretada difere dependendo do contexto social. Nesta senda, a Morte na tradição Mancanhi não pressupõe exatamente o oposto da vida, ou o fim da vida, mas sim, um recomeço para uma nova etapa que está começando, ou seja, a morte não é o fim de tudo e a vida não acaba com a morte"(Sanca, 2014, p. 3), na etnia mancanhi se acredita que a vida após a morte, você não morre apenas, vai para outro lugar que supostamente é o melhor lugar, e também pode ser que a alma da pessoa pode querer encarnar numa outra pessoa da sua linhagem, isso acontece quando uma pessoa nasce com uma marca depois que morre se outra pessoa nascer com aquela marca então é a encarnação da pessoa falecida.

Os Mancanhi acreditam que alma após a morte se encontra provida de grandes poderes e este pode atuar tanto no sentido do bem assim como do mal, e as suas vontades são conhecidas apenas pelas cartomantes (djambakus), a alma pode se manifestar na família de diferentes formas como no caso da doença prolongada, acidentes, desgraça constantes ou ainda mortes. Para o povo Mancanhi assim como Papel e Manjacos, a alma da pessoa morta está sempre presente, por isso, costumam fazer escultura (estatueta), que são colocadas em frente da casa no sentido de representar a alma da família morta, o que muitas das vezes são construídas com madeira em forma da pessoa e isso serve para as suas proteções e são designados na língua de Mancanha de Balugum" (Cardoso, 2004, p.8-9), sendo assim, o povo mancanhi acredita na imortalidade e de que a morte não é o fim é apenas uma passagem para outra vida e tendo o poder de reencarnar.

Segundo " Evans-Pritchard (2004, p. 37-55), para os povos Azande toda a morte é relacionada à bruxaria, e deve ser vingada, diante disso, todas as práticas conectadas a bruxaria são percebidas resumidamente a ação da vingança. E vingança acontece quando o bruxo cometia seu segundo ou terceiro homicídio, ou quando matava uma pessoa importante, por outro lado, os Azande acreditam na morte natural e, também, na morte causada por bruxaria, de maneira que a morte não é só um fato natural, também é um fato social, porque não se trata somente de um coração parar de bater, ainda trata da distribuição de um membro da família", os mancanhi antes do sepultamento eles levam o corpo para fazer o ritual e lavam para purificar o cadáver, e é colocada a roupa que o defunto costumava usar antes de morrer, os amigos, as famílias levam panos para colocar junto do defunto como um jeito de afetividade.

O casamento do grupo étnico Mankanhi é realizado por etapas, cada etapa envolve ritos e trocas de presentes entre os dois grupos, isto é, duas famílias. É nessas etapas que a família da menina receberá dote do casamento, chamado na língua guineense de leba cabaz. O casamento representa, para a mulher, uma mudança de status social que a possibilita participar, por exemplo, de certos espaços de tomada das decisões, simboliza um novo papel de responsabilidade como esposa, mãe e também como a dona da sua própria casa, no momento que uma menina se casar ela passa a ser mulher porque é nessa fase que é considerada uma mulher com maturidade. fundamental no auxílio da construção da identidade social e pessoal, a pessoa passa a ter mais respeito na comunidade e mais fala perante a família e amigo, passa a ser conselheira dos que ainda não passaram pelo ritual.

7.3 O uso e a representação de baobá entre África e Brasil.

Abordaremos aqui sobre a ligação da África com o Brasil e vice-versa.

"Através dos fatos históricos da relação entre Brasil e África como marco, a chegada dos portugueses ao Brasil, por volta de 1500, pois junto aos portugueses vieram escravizados africanos que fizeram com que as práticas culturais de diferentes espacialidades do continente africano adentrasse o Brasil, mas o fato é que desde esse encontro, surgiu uma ligação de forma grandiosa e que se identificam em muitos aspectos, primeiro pelo lado negativo onde, tanto o Brasil como a África, foram usurpados por Portugal" (Costa, 2018, p. 9), com essa escravatura a cultura africana tem se manifestado no Brasil porque com a vinda dos escravos africanos, eles trouxeram suas práticas e costumes, mesmo não podendo demonstrar vulgarmente porque são

impedidos de fazer as suas crenças, eles nunca esqueceram, e com o tempo conseguiram adentrar aos poucos se misturando com as culturas brasileiras.

Historicamente Brasil e África tem seu primeiro contato devido ao colonizador comum, os portugueses, que chegaram no Brasil por volta do século XVI, acompanhados dos índios silvícolas e campineiros, juntamente com os negros africanos, pessoas que foram obrigados a deixarem sua vida, suas famílias e adentrarem em um mundo completamente novo para ele, choque cultural foi grande, tendo aqui no Brasil um modelo societário, de costumes e crenças diferentes dos africanos, para ambas as partes tudo era novo e tiveram que conviver com essas diferenças entre si, dando um resultado atualmente de um Brasil na África e uma África em território brasileiro (Costa, 2018, p. 23)

"Conhecemos inúmeros costumes que aprendemos com os africanos, assim como na África também existem costumes que faz referência aos nossos, a capoeira, a feijoada, o orixá do candomblé são heranças da matriz africana."(Costa, 2018, p.23), o Brasil tem fortemente a herança africana por conta da escravatura, vimos isso visivelmente nas culturas, religiões, nas músicas, nas culinárias que são marcadas por essa influência da escravatura, a população afro-brasileira mostra claramente a presença africana no Brasil, tendo suas raízes no período colonial, onde esses dois continuam se misturando e evoluindo.

A economia brasileira repousou nas árvores africanas, o conhecimento agrícola africano colonizou o Brasil e foi fundamental para a formação econômica do país. Sem medo em estar sendo demasiado afirmo. A formação econômica de Brasil colonial e império repousou na importação de plantas utilizadas na África e transplantadas para o Brasil, vejamos que dendê, café, cacau, arroz, cana-de-açúcar, algodão, são alguns exemplos de plantas comerciais cultivadas na África e trazidas para o Brasil transformando-se aqui em ciclos de importância econômica grande ou pequena, regional ou internacional (Cunha JR, 2006, p. 2).

Com esses fatos vimos que no Brasil a herança africana se dá em vários sentidos e em diferentes campos, " (Cunha JR, 2012, p. 120), o universo simbólico africano é imenso e dentro dele a natureza tem um lugar privilegiado, principalmente no campo da religião, algumas árvores têm significados especiais e estes significados são mantidos no Brasil.

"Os baobás, árvores de origem africana, são consideradas espécimes sagradas, pois são seculares, representam também a preservação e resistência às adversidades, tudo no baobá serve para a sobrevivência do ser humano, assim é conhecida como "árvore mãe", através dela

temos alimentos, água, roupas, matéria-prima para construção de cabanas, cola, medicamentos, abrigos, colares e doces para crianças" (Cunha JR, 2012, p. 121), ...

"Há um persistência em se reconhecer o imenso legado de conhecimento, a experiência profissional e cultural herdada pela sociedade brasileira dos africanos, este processo de constante desprezo e desqualificação profissional e social é em grande parte um ato de racismo e também responsável pela situação atual de pobreza e dificuldade social enfrentadas pela população afrodescendente, são consequências de uma política pública instituída e praticada pelos governos da República no Brasil" (Cunha JR, 2012, p. 129).

"Trata-se de uma parte da prática de racismo institucional do sistema de dominação étnico brasileiro", (Cunha JR, 2012, p. 129), que enraizou desde a época da colonização, esse sistema hierarquizado teve apenas o privilégio para a população branca e marginaliza a população preta.

8 METODOLOGIA

Obtemos em desenvolver essa pesquisa utilizando uma abordagem qualitativa porque parece o mais ideal para o estudo que pretendemos fazer, para melhor compreensão a respeito, contextualizarmos essa abordagem metodológica fazendo o uso de artigos, textos acadêmicos, livros, entrevista, para melhor compreensão dessa árvore e da sua ligação com o Brasil, pretende-se também realizar uma etnografia, método antropológico usado também em diferentes áreas para coleta dos dados, durante a coleta dos dados, optamos pela postura intersubjetiva com relação ao objeto de estudo em análise onde centralizamos o nosso foco analítico. A nossa pesquisa etnográfica será baseada no trabalho de campo em Araraquara interior de São Paulo.

A pesquisa qualitativa responde as questões muito particulares, ela se preocupa, nas ciências sociais, com um nível de realidade que não pode ser quantificado, ou seja, ela trabalha com o universo de significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes, o que corresponde a um espaço mais profundo das relações, dos processos e dos fenômenos que não podem ser reduzidos à operacionalização de variáveis "(Minayo, 2001, p.22), o foco da pesquisa qualitativa também é alcançar as dificuldades ou obscuridade de qualquer fenômenos a ser estudado, analisando mais o termo explicativo.

"Entendemos por metodologia o caminho do pensamento e a prática exercida na abordagem da realidade, neste sentido, a metodologia ocupa um lugar central no interior das teorias e está sempre referida a elas, dizia Lênin (1965) que "o método é a alma da teoria"(p. 148), distinguindo a forma exterior com que muitas vezes é abordado tal tema (como técnicas e instrumentos) do sentido generoso de pensar a metodologia como a articulação entre conteúdos, pensamentos e existência "(Minayo, 2001, p. 16), podemos falar que a metodologia é uma forma que é conduzida uma pesquisa, expondo caminho percorrido e demonstrando porque foi escolhido esse método para realizar a pesquisa.

"Da forma como tratamos nesse trabalho, a metodologia inclui as concepções teóricas de abordagem, o conjunto de técnicas que possibilitam a construção da realidade e o sopro divino do potencial criativo de investigador, enquanto abrangência de concepções teóricas de abordagem, a teoria e a metodologia caminham juntas, intricavelmente inseparáveis, enquanto conjunto de técnicas, a metodologia deve dispor de um instrumental claro, coerente, elaborado, capaz de encaminhar os impasses teóricos para o desafio da prática""(Minayo, 2001, p. 16).

Segundo "(Minayo, 2001, p. 21), cada corrente teórica tem seu próprio acervo de conceitos, para entendê-los, temos que nos apropriar do contexto em que foram gerados e das posições dos outros autores com quem o pesquisador dialoga ou a quem se opõe," isso ajuda na construção de análise dos fenômenos como sociais, econômicos e também culturais.

Para o povo Afro-brasileiro, o baobá tem grande importância para a sua população, visto que o baobá representa seus antepassados com o significado de um elemento sagrado, porque na África creditam que o baobá guarda os espíritos dos ancestrais, é uma árvore de resistência e de muita luta, tendo vários significados, segundo a lenda no tempo da escravatura o negro era obrigado a realizar um ritual em torno da árvore de baobá para se desvincular e esquecer das suas origens, o que na chegada dos europeus ao continente africano chamaram atenção que havia uma dimensão sagrada e ancestral em torno do baobá, já na diáspora o baobá tem uma narrativa histórica, ele representa a árvore da vida e carrega muitos significados e memórias de comunidades tendo em conta milhares de anos que a árvore baobá pode ter.

Pois segundo Minayo (2002, p. 21,22), essa abordagem busca responder problemas sociais, se interessando pela significação que este carrega para o participante da pesquisa: "ou seja, ela trabalha com o universo de significados, motivos, aspirações, crenças, valores e

atitudes, o que corresponde a um espaço mais profundo das relações, dos processos e dos fenômenos que não podem ser reduzidos a operacionalização das variáveis"

Quando surgiu a ideia de ir para o campo fazer pesquisa acabei percebendo que a importância que a diáspora tem com o baobá é muito diferenciado, na minha ida ao campo me deparei com o cuidado que a comunidade tinha com a plantação de baobá e de como era protegido acabei dando de conta que a importância que o baobá tem na diáspora é totalmente diferente com a importância que o baobá tem no contexto africano (Guine Bissau).

Quando cheguei em Araraquara no dia 4 de junho de 2024, era numa terça feira Às 22 horas e 4 minutos, me encontrei com a professora Valquíria Tenório professora de Sociologia no (IFSP) campos Matão, me levou para a sua casa, e no dia seguinte para a escola do ensino médio onde ela dava aulas, e depois para a casa SP Afro- Brasil para mais uma roda de conversa, quando chegamos saudamos uns aos outros e fizemos uma roda de conversa onde cada um falava o que sabia do baobá e de como queria saber ainda mais sobre a árvore que representava a vida e que tem vários significados, uma árvore com muitas histórias e símbolos e sem esquecer que também ela é medicinal, diante desse encontro, vivenciamos uma emoção incrível e uma riqueza inigualável onde podemos visitar a árvore baobá, sentindo essa energia de ficar perto de baobá e indo ao encontro dos nossos ancestrais, uma sensação incrível onde eu tive a oportunidade de viver essa experiência junto da companhia das pessoas que estavam interessadas em conhecer história da árvore da vida.

Eu fiz a questão de entrevistar a professor Valquíria para eu saber mais como ela acabou se interessar por baobá e por dirigir um projeto sobre a árvore, ela me falou que o projeto “Baobá: raízes ancestrais, cultura e ciência no IFSP Matão” começou com a intenção de transformar o baobá em um objeto de estudo capaz de integrar diversas áreas do conhecimento. Há muitos anos, atuei no plantio de um baobá ao final do curso de formação de professores, História e Cultura Africana e Afro-Brasileira, realizado na cidade de Matão, projeto aprovado em edital do PROAC (Programa de Ação Cultural) da Secretaria de Estado da Cultura de São Paulo. Na ocasião, ganhamos uma muda de um ativista do movimento negro de Matão que ficou responsável pela guarda da muda até o plantio ao final do curso.

O plantio foi envolto de muita emoção e prova de um percurso de muito aprendizado de todos os que dele participaram. Após, alguns anos recebi contato do pai de uma aluna do IFSP Matão para a doação de mudas de baobás que ele havia feito de uma árvore mãe na cidade de Monte Aprazível, interior de São Paulo, próximo à São José do Rio Preto. Aceitei a doação e

descobri que havia sido ele o doador da primeira muda que plantamos em 2014 e que hoje é o maior que temos na cidade no ginásio poliesportivo de Matão. Em novembro de 2019, plantamos a muda doada por ele em nosso campus e desde então, ele vem sendo cuidado, observado e visitado como um espécime importante e representativo do continente africano.

Em 2024, elaborei dois projetos sendo um para edital de Extensão e outro de Pesquisa, os dois foram aprovados e um deles trata justamente do projeto que você veio visitar em Matão, “Baobá: raízes ancestrais, cultura e ciência no IFSP Matão”. A partir disso, formamos um grupo interdisciplinar de pesquisadores, com professores-servidores do IFSP Matão da Sociologia, História, Biologia, Agronomia para entender melhor as peculiaridades da espécie, como a germinação, a formação de mudas, as condições ideais para seu cultivo no Brasil e pesquisar sobre a árvore como um símbolo de manifestações culturais, religiosas. O projeto busca celebrar as raízes africanas no contexto brasileiro, e atuar diretamente na pesquisa científica sobre a espécie, documentando e organizando informações que possam ser usadas para a implementação da lei 10.639/03 e 11.645/08, oferecendo ferramentas para uma prática pedagógica antirracista ao aliar diferentes áreas do conhecimento, fortalecendo o aprendizado sobre a árvore e a história afro-brasileira, Pensar o projeto “Baobá: raízes ancestrais, cultura e ciência no IFSP Matão” significou construir uma ponte entre as Ciências Humanas e Exatas, buscando uma abordagem completa do baobá, que o considera tanto como símbolo de identidade e resistência cultural quanto como objeto de pesquisa científica.

Com isso em mente, reunimos uma equipe interdisciplinar com professores de Sociologia, História, Biologia e Agronomia para documentar e estudar o baobá em suas diferentes dimensões: biológica, cultural e histórica. A pesquisa tem como foco entender o ciclo de vida da espécie, estudando desde sua germinação até as melhores práticas para o cultivo no Brasil, com vistas a promover um manejo sustentável.

Como parte dessa iniciativa, estamos construindo um acervo de materiais de apoio em diversas áreas do conhecimento. Esse material será voltado para uma prática pedagógica antirracista, alinhada às leis 10.639/03 e 11.645/08, e buscará oferecer aos educadores recursos para utilizar o baobá em suas aulas de forma abrangente. A árvore serve, então, como ponto de partida para pensar a história africana e afro-brasileira e as ciências biológicas e ecológicas, fomentando um entendimento multidisciplinar que conecta cultura e ciência em prol da educação.

Para mim, o baobá representa um elo vivo com nossas raízes africanas, um símbolo de memória e de conexão entre o passado e o presente. Trabalhar com o baobá tem sido um esforço contínuo para cultivar um espaço de aprendizado que valorize a herança africana e, ao mesmo tempo, aproxime os alunos das ciências de maneira integrada e respeitosa. Enxergar o baobá como mais do que uma árvore nos permite reinterpretar o conhecimento de forma decolonial, respeitando suas origens e seu significado histórico-cultural, sem relegá-lo apenas a um objeto de estudo.

Tenho me dedicado a pensar o baobá como um recurso para ensinar e aprender sobre a história afro-brasileira, mas também sobre ecologia, botânica e conservação. A cada etapa do projeto, seja cuidando da árvore plantada em nosso campus ou estudando suas características para criação de mudas, percebemos que o baobá nos conecta a várias disciplinas e a múltiplas dimensões de nossa própria identidade. A árvore, para mim, é um símbolo de que o conhecimento deve ser vasto e ramificado, com raízes profundas na memória cultural, mas que também floresce em novas áreas do saber, como a botânica, a ecologia e a ciência da conservação".



Baobá de IFSP, 05/06/2024



Roda de conversa (IFSP), 05/06/2024

REFERÊNCIAS

- CARDOSO, Leonardo. **Os Brames: Da Morte ao Enterro**. Soronda Revista de Estudos Guineenses. Bissau, Nova Série, n. 8, p. 07-28, 2004.
- COSTA, L. T. F. **A representação do baobá para a educação infantil**. 2018. 49f. Trabalho de Conclusão de Curso (Especialização em Educação Étnico Racial na Educação Infantil) - Universidade Estadual da Paraíba, Guarabira, 2018.
- CUNHA; Júnior Henrique. **Metodologia afrodescendente de pesquisa**. Texto de trabalho na disciplina de etnia gênero e educação na perspectiva afrodescendente. 2006
- DE FONSECA, Domingos. **Os Mancanha**. Editora- Ku Si Mon. Bairro de Ajuda 1 Fase. C. P. 268. Guiné-Bissau. Ano-1997.
- EVANS-PRITCHARD, Edward. 2004. **Bruxaria, oráculos e magia entre os Azande**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.
- FACULDADE DE DIREITO DE BISSAU. Direito Costumeiro Vigente na República da Guiné-Bissau. Faculdade de Direito de Bissau, financiado pelo PNUD, Programa FORTES, 2010. Disponível em: Acesso em: 27/10/2022.
- FERREIRA, R. F. Uma história de lutas e vitórias: a construção da identidade de um afro-descendente brasileiro. São Paulo, 1999a. 281 p. Tese (Doutorado) - Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo.
- FERREIRA, R. F. **Família e construção da identidade do brasileiro afro descendente**. São Paulo, 2002, 110 p. Relatório de Pesquisa - Universidade de São Marcos.
- GARRAÃO, Yolanda Victor Monteiro. Rito de passagem como processo educacional: o casamento tradicional k'mari na vida das mulheres da etnia papel da Guiné-Bissau. In: N'UMBUNTU EM REVISTA: **Educação das relações étnico- raciais em diferentes contextos sociais**. V.2, n. 5. Jan/jun. Acarape: Gráfica e Editora Imprece, 2019.
- GIUMBELLI, Emerson. (2008), "A presença do religioso no espaço público: modalidades no Brasil". *Religião & Sociedade*, Rio de Janeiro, vol. 28, nº 2: 80-101.
- GENNEP, A. V. **Os ritos de passagem**. 2. ed., Trad. Mariano Ferreira. Petrópolis: Vozes, 2011.
- MANSK, Erli. **A ritualização das passagens da vida: desafios para a prática litúrgica da Igreja**. 2009. Tese (doutorado) – Escola Superior de Teologia. Programa de Pós-Graduação. Doutorado em Teologia, São Leopoldo.
- MINAYO, M.C.S. **O Desafio do conhecimento, pesquisa qualitativa em saúde**. São Paulo/ Rio de Janeiro: Hucitec/ABRASCO, 1992.
- MORAIS, Mariana Ramos de. (2015), "Les religions afro-brésiliennes en tant que patrimoine: du conflit à l'institutionnalisation". In: S. Capone; M. R. de Moraes, (org.). *Afro-Patrimoines: culture afro-brésilienne et dynamiques patrimoniales*. Paris: Lahic; IIAC; EHESS, nº 11 de

Les Carnets du Lahic : 98-18. Disponível em: <http://www.garae.fr/spip.php?article446>. Acesso em: 07/12/2021.

RODOLPHO, Adriane Luísa. **Rituais, ritos de passagem e de iniciação**: uma revisão bibliografia antropológica. Estudos Teológicos, São Leopoldo, v. 44, n. 2, 2004.

SANCA, José Ricardo. **Práticas de culto dos ancestrais na Guiné-Bissau**: o destino dos mortos na etnia mancanha. 2014.

SILVA, A. C., & LUDORF, S. M. A. (2012) & GENNEP, AV. **Os ritos de passagem**. Trad. Mariano Ferreira. Petrópolis: Vozes, 2011. Pensar a Prática, 15(4).